

EDITORIAL

Este número da *Phoînix* presta uma homenagem ao centenário da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A história dos cem anos da maior universidade federal do país é marcada por duas grandes epidemias: a gripe espanhola e a covid-19. Mas esses referenciais, apesar de tristes, não ofuscam a importância e o significado que a UFRJ, até 1937 Universidade do Brasil, possui para a sociedade brasileira.

Os vínculos da UFRJ com a Antiguidade clássica vão além da arquitetura de seus prédios históricos. Não é à toa que o logotipo da nossa universidade é a Minerva, uma versão latina da deusa grega Atena. Nascida da cabeça de Zeus já adulta e armada, Atena é a deusa inspiradora da bravura nos heróis, protetora das atividades filosóficas, em particular, e literárias em geral. Em síntese, é aquela que favorece as manifestações da inteligência. Nada mais nobre do que associá-la à trajetória da UFRJ. Atena oferece ainda à UFRJ o seu caráter feminino, mesmo quando as universidades se encontravam presas à masculinidade.

A Minerva, assim como a UFRJ, é arte, ciência, tecnologia, inovação, resistência. Símbolo do saber e da resiliência, assim como a deusa que a representa, a UFRJ conseguiu enfrentar inúmeras adversidades ao longo do seu centenário: crises políticas, governos autoritários, problemas econômicos, sucateamentos, incêndios, desrespeitos à sua autonomia, pandemias. Apesar de todos esses obstáculos, a nossa universidade foi uma guerreira e, como o mito da fênix, se reinventou a partir das cinzas, sempre mantendo a sua autonomia e excelência. A revista *Phoînix*, no auge dos seus 25 anos, tem orgulho de fazer parte da história da UFRJ e de abrir espaço para essa comemoração.

O primeiro artigo deste número aborda a Mesopotâmia antiga. A proposta do texto de Katia Pozzer é refletir sobre imagens de corpos nus (femininos e masculinos), criadas há mais de 4.000 anos. A autora defende que, nas artes visuais da Mesopotâmia, o corpo é o lugar no qual o gênero é visualmente diferenciado. Homens e mulheres vestidos ou nus, crianças, pessoas andróginas, eunucos e hermafroditas foram representados, mas o modelo mais importante da diferenciação de gênero foi a representação do corpo sem roupa. A nudez, segundo o artigo, é um motivo comum que aparece em inúmeras formas de representação, e a descrição dos seus aspectos eróticos é comum ainda em vários gêneros literários.

Os próximos quatro artigos trabalham com o mundo grego antigo. Os dois primeiros versam sobre a *Iliada*. Enquanto Elsa Rodríguez Cidre analisa os tecidos de Helena e de Andrômaca, visando estabelecer comparações e determinar similitudes e diferenças, María del Pilar Fernández Deagustini estuda o discurso que compõe o lamento funeral de Tetis, tanto na sua composição artística quanto na perspectiva dos estudos culturais, considerando sua posição estratégica no canto, assim como na totalidade do poema.

Já María Cecilia Colombani se dedica a textos de Hesíodo. Ela enfoca a dimensão do trabalho nos textos do poeta, entendendo-o como um articulador de relações sociais. Encerrando os textos sobre os gregos antigos, Maria Regina Candido aborda as crenças vinculadas à morte entre os heleenos do período clássico. A figura de Caronte e a representação da morte em Atenas, em especial, ganham destaque em seu texto.

O próximo artigo versa sobre o Egito antigo no período greco-romano. Alexandre Moraes e Beatriz Moreira da Costa refletem sobre as evidências da manutenção de Abidos como centro do culto do deus Osíris. Para tal, mobilizaram textos escritos que mostram a perspectiva greco-romana acerca de Abidos e seus significados religiosos e funerários.

Centrando-se em um recorte sobre o mundo romano, temos o artigo de Claudio Walter Gomez Duarte, que se dedica à análise da construção do significado de *elegância* e de *sutileza* na obra de Vitruvius *De Architectura*, e os de Ana Teresa Marques Gonçalves e Mariana Medeiros, que, ao estudarem os poetas Catulo e Ovídio, buscam compreender de que forma a *ars poetica* romana está presente nesses registros. As autoras argumentam que tais poetas, ao terem vivenciado o momento fronteiro entre finais da *res publica* e início do Principado de Augusto, nos legaram aspectos importantes acerca da *imitatio* dos predecessores. Temos, ainda, o artigo de Érica Cristhyane Moraes da Silva e Belchior Monteiro Lima Neto, que, em épocas de covid-19, discorrerem sobre a praga de Cipriano de Cartago. Os autores trabalham as principais correntes de interpretação sobre essa pandemia, de modo a entender como esse surto epidêmico impactou um contexto de acontecimentos críticos, que impuseram desafios ao Estado imperial e à sua população.

Por fim, convidamos os estudiosos do mundo antigo, bem como o público em geral, para uma leitura proveitosa e propositiva dos artigos que compõem este número da *Phoênix*.

Os Editores